

GRANDES CENAS / MONTAGEM

EPISÓDIO 13: CENTRAL DO BRASIL

[ABERTURA]

WALTER

É uma história de uma mulher que se ressensibiliza, que redescobre os seus sentimentos, que olha o mundo, que aprende a ver o mundo, ahn, de uma outra forma, graças à descoberta do outro, daquele garotinho. Garotinho que, por sua vez, tá à procura de um pai que ele nunca viu. E é a história também de um filme à procura de um país.

MATHEUS

Durante a fatídica década de noventa, quando o cinema brasileiro quase parou, alguns filmes tiveram um papel fundamental na reconquista de um espaço perdido. Um dos mais importantes certamente é Central do Brasil, por mergulhar nas entranhas do país através de seus personagens, envolvendo o espectador em uma jornada comovente e universal.

FERNANDA

O Walter me trouxe a personagem. (/) Mas eu sou de um, de uma geração que teve uma escola pública extraordinária. (/) E eu me lembro que quando eu era menina, a gente queria ser duas coisas na vida, ou professora ou enfermeira. (/) E tive professoras extraordinárias no primário, respeitadas... (/) Então essas professoras, elas tinham uma, um lugar na sociedade, só de status. (/) Foi daí que eu parti da, da Dora. A Dora, ela é uma mulher já de idade que teve aquela iniciação, e que no viver do social da sua profissão ela acabou o prestígio que tinha. Quanto mais se vivia, mais prestígio, mais desprestígio se conseguia. Então eu parti dessa, dessa premissa: ela é uma mulher revoltada... (/) existencialmente e é uma revoltada socialmente. Que ela pode nem ter consciência política sobre isso, nem ideológica, é uma coisa que ela sente na carne. Desprestigiada em todos os níveis.

- (coro dos fiéis)

- Não consegui a merda de um caminhão que me tirasse do diabo dessa romaria.

- Pra onde a gente vamos agora?

- Vamos a pé, tentar uma carona na estrada.

- A pé?

- É, a pé. Meu Deus, meu Deus... Eu não sei o que fiz a Deus para merecer isso, eu não sei.

FERNANDA

Então, o coração vai endurecendo, entende? Ahn, vai acreditando que, ahn, é possível que a sordidez seja algo muito vital e maior, na maior parte de tudo, das pessoas com quem ela convive, né?

WALTER

Dora não consegue ver além daquela pessoa que tá sentada na frente dela, então a lente também deve permitir o foco apenas naquela personagem, e atrás você tem sublinhada a questão da perda de identidade na, no espaço urbano.

- O que que a gente vamo fazê agora?

- Sei lá... Sei lá... Seu pai e sua mãe te puseram no mundo e não deviam ter posto, porque agora eu aqui que te aguento. Desgraça. Você é uma desgraça. Você é uma desgraça.

FERNANDA

Mas vai chegar uma hora que ela vai, vai saber que, que, que aquele menino... é... (/) um menino tão miserável no futuro quanto ela. (/) Talvez a volta à própria infância dela, quando ela se identifica com ele.

[TRECHO DE FILME]

WALTER

À medida que ela vai se aproximando do menino, à medida que ela vai descobrindo que o mundo é muito mais largo do que ela via da, da, da janela da casa dela ou da estação, (/) as lentes permitem agora uma profundidade de campo que não existia antes, e as (/) cores vão entrando no filme. Então o azul do céu, que você não vê no Rio de Janeiro, o verde que tá ali atrás das árvores, o vermelho, essas cores dominantes e fortes, começam a fazer parte de um, de um filme, de onde elas tavam exiladas no início, porque aquele não era o olhar de Dora.

FERNANDA

Também aconteceu uma coisa interessante: fizeram não sei quantas... Testes, não sei quantos testes com meninos e meninos e meninos e meninos... (/) Enquanto a gente não achar o garoto, não filma. Podiam até achar outra Dora, agora outro garoto... agora, sem garoto não tem filme. Muito bem, então fomos pra casa. Eu não sei se um mês ou dois depois ou até menos, não me lembro mais, apareceu o Vinícius.

- Onde será que ela deve tá agora? Você acha que fizeram um enterro direito pra ela?
- É, você pode mudar o tom dessa aí. Faz, faz pergunta mesmo: "Você acha que fizeram um, um enterro direito pra ela?" Tá? Mais, mais... Sublinha a pergunta.
- Você acha que...?
- Você acha que fizeram um enterro direito pra ela?
- Você acha que fizeram um enterro direito pra ela?
- Isso!
- Você acha que fizeram um enterro direito pra ela?

FERNANDA

O menino era engraxate no aeroporto. (/) Ele foi atrás do Walter pra engraxar o sapato do Walter e o Walter estava de tênis, acho que a história é essa. Aí ele disse assim, olha bem: "Faz o seguinte, você me paga aí um sanduíche, que da próxima vez que você vier de sapato, eu, eu vou lustrar seu sapato de graça". Isso é emocionante. Aí o Walter perguntou pra ele: "Você não quer fazer um teste pra cinema?" Ele disse: "Eu nunca fui, eu nunca entrei num cinema." (/) Passou um tempo, um dia ele liga, diz: "Como eu posso chegar aí? Eu posso levar um colega?" "Pode." E foi assim que o Vinícius veio pro nosso filme.

- Olha pra ela...

FERNANDA

E o Walter tinha isso. (/) Ele sempre vinha muito delicado, e a dele, ele falava muito baixinho o que que ele tava querendo de você, tá entendendo, aqui assim, olha... (/) Então não tinha uma prepotência de direção em cima. Ele não chegava... sanguíneo, compreende, não. (/) Ele tem isso. Ele chega imperceptivelmente, pra te pedir qualquer coisa. (/) Porque sempre eram (/) pequenas luzes, compreende, em cima da cena. (/) Então não quebra qualquer estágio que você tenha conseguido de, de interrelação, não só com o colega, como com o espaço.

- (coro dos fiéis)
- Josué! Volta aqui. Josué!

FERNANDA

Nessa cena, por exemplo, do "Central", essa quermesse imensa, esse mundo místico, (/) eram milhares de pessoas, eu não sei como a equipe conseguiu, (/) aquela multidão, porque foi uma multidão do fundo do sertão de Pernambuco, com o fundo do sertão do Ceará, com o fundo do sertão da Paraíba também... (/) Naturalmente aquilo chegou cedo, aquela multidão. (/) E tínhamos que esperar a noite pra gravar à noite por causa da, dos fogos, das velas e tudo. (/)

Quando aquilo foi feito, já era, já tínhamos passado um dia, num calor insano, num fundo de um sertão abandonado, esperando a noite chegar, aquela multidão jogada ali pelos cantos, compreende? Rezando, já rezando, já rezando pra se esquentar, né? (/) E na verdade daí a pouco aquilo tudo começou a ser verdade pra aquela multidão. (/) Porque eu vi de repente aquelas pessoas não estavam ali representando.

- Te pedimos, te oramos. Senhor do meu coração...

- Pelo sangue de Cristo, Senhor!

MATHEUS

Uma das coisas que caracteriza, mesmo, uma grande cena é conseguir jogar luz sobre algo que era obscuro ou escuro. É claro que isso é a decorrência de um processo mental, uma construção artística, mas também é um certo milagre. Até onde o cinema pode ser milagre. Em "Central do Brasil", no frigar dos ovos, ilumina-se, embeleza-se aquilo que era feio. A maior parte do povo brasileiro e latino é pobre, é desdentado, é faminto, vive no sertão. E é cheio de fé. Isso parece triste, mas é tão, tão bonito.

FERNANDA

Queira ou não isso vai em cima de você, você se identifica. Ainda mais uma personagem como a Dora, que era (/) completamente decaída socialmente, abandonada também, como ser humano, né? (/) A locação te impregna logo, sabe, você vai pra um, pra um buraco como esse e imediatamente você já ganhou pelo menos, pelo menos sessenta por cento do que você possa pretender fazer.

- Obrigado.

- Obrigado, Jesus.

FERNANDA

Depois dessa emoção religiosa, (/) desse estupor de, de, de, de pedido a, a, a Deus, a uma entidade superior de todos aqueles desgraçados, ahn... ela tem um desmaio, como se tivesse (/) tido uma possessão, de, de dor, de reconhecimento de que tinha gente até pior que ela na vida.

[TRECHO DE FILME]

FERNANDA

E ela quando desmaia, e ela volta à vida, recomeça uma outra história nela. (/) Quando volta a cena, ela está deitada no colo do menino, dormindo. Ali começa realmente o "par", a adesão de um, de um ao outro, né, porque o menino também vai ficando suave com ela, o menino também vai deixando de brigar com ela. Na medida em que ela encontra o colo do menino, né, o menino por sua vez também encontra alguém no colo dele...

[TRECHO DO FILME]

FERNANDA (MKOF)

Ela é que sofre o, a grande mudança do, a epopeia do herói, vamos dizer assim, não é? Porque ela, ela é que sofre uma transformação. O menino é o anjo transformador.

FERNANDA

Mas isso tudo eu to falando agora, porque me pediram pra falar sobre a cena, porque na verdade não é por aí que a gente trabalha, não é pelo raciocínio, eu pelo menos não sou. É... Eu tenho umas intuições malucas e vou atrás daquilo, entende?

FERNANDA

Raramente se sabia onde estava a câmara, (/) raramente. (/) Se jogava, se representava como se estivéssemos na vida mesma, compreende? (/) É claro que quando foi da filmagem da quermesse, da grande, da grande multidão, é bateu, valeu, compreende? Porque não tem como parar e recomeçar, não tem. Preparam lá o travelling, e Deus seja louvado, tá entendendo?

[CENA]

- Não consegui a merda de um caminhão que me tirasse do diabo dessa romaria.
- Pra onde a gente vamos agora?
- Vamos a pé, tentar uma carona na estrada.
- A pé?
- É, a pé. Meu Deus, meu Deus... Eu não sei o que fiz a Deus para merecer isso, eu não sei. Você é um castigo na minha vida!
- Eu tou com fome.
- Ah, e eu? Eu não tenho fome? Não é? Eu não tenho fome. Só você. Não tem comida. Não tem mais dinheiro, não vem mais comida: acabou. Se é isso que você quer saber, acabou.
- O que que a gente vamos fazer agora?

- Sei lá... Sei lá... Seu pai e sua mãe te puseram no mundo e não deviam ter posto, porque agora eu aqui que te aguento. Desgraça. Você é uma desgraça. Você é uma desgraça. Puta que pariu!

- Josué! Onde é que você vai? Volta aqui, menino.

- Josué... Josué...

- Josué... Josué...